ENSINO DE ARTES E A LEITURA DE IMAGENS

DANIELA HENRIQUE LOPES

RESUMO:

A Leitura de Imagens no Ensino de Artes se constitui em uma manifestação de arte, se constitui em uma forma de se relacionar com a leitura da imagens que se tornam objeto gerador de significados que afetam nossa forma de ser e estar no mundo de forma que é possível ler, interpretar e compreender a mensagem que o artista imprime em sua obra que lança para o público e espera que seja entendido, compreendido, observado, ressignificado, reelaborado de forma que por meio de sua leitura seja possível recriar, criar, inovar, transformar a presença do espectador e do próprio criador da obra lida. Urge a necessidade de educar o olhar, para que os leitores possam enxergar o não dito, o não verbalizado uma vez que a consciência do olhar parte da visão que temos das coisa que estão no mundo que carecem de leitura, interpretação que se dão por intermédios dos sentimentos que aguçam a sensibilidade humana frente a fruição da arte que chega ao ser humano e o desafia a sair de si para se encontrar na liberdade que existe na sua obra e que espera pela compreensão que só a arte é capaz de proporcionar por meio da obra vista, observada, lida. Por fim, a leitura no ensino da Arte é uma porta que se abre para que o saber aconteça, mas é necessário que haja apoio e valorização para ampliar alternativas eficientes que só a Arte é capaz de sensibilizar, despertar desenvolvendo cidadãos que possam contribuir por meio da educação em arte que tenhas as condições necessárias para criar, refletir e inovar por meio a leitura e interpretação de imagens que arte proporciona na imanência da história.

Palavra-chave: Leitura; Imagens; Arte; Ensino; Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema “A Leitura de Imagens no Ensino de Artes” visa proporcionar a compreensão que se dá no processo da leitura de imagens no ensino de artes que envolve o entendimento que sensibiliza emoção, intelecto, a mente, a cultura e os fatores econômicos que permeiam o acesso ou não a esse saber que necessita da experiência concreta da criança, do adolescente, do jovem, do adulto frente a obra de arte.

A pesquisa é de cunho bibliográfico e seus aportes teóricos se embasam no estudo e pesquisas de autores que aprofundam a temática proposta uma vez que há um atravessamento de imagens de todos os tipos no cotidiano e nas relações que os seres humanos travam em seu cotidiano e que chegam por vários meios de comunicação, dentre esses temos a televisão, o rádio, o cinema, as redes sociais que revolucionaram as relações e a forma que os seres humanos vivem conhecem e se posicionam na vida.

O estudo se justifica pela falta de conhecimento, falta de educação para a arte em que o conhecimento de ideias, conceitos, teorias, definições acerca das possibilidades que o uso da leitura abre de forma interdisciplinar em é de fundamental importância a utilização da linguagem para ler desde uma obra escrita, uma pintura, uma escultura em que o autor assina e lança para o espectador a possibilidade de conhecer, de revelar a intencionalidade que existe ao criar.

O ser humano está num universo dominado por imagens que surpreendem a ação humana desde o seu despertar até o momento em que se recolhe que o afeta em casa, na rua, no trabalho com imagens que influenciam o seu comportamento e que espera que por meio da leitura seja possível decifrar, decodificar, compreender os signos na vida cotidiana.

Ter a habilidade da leitura de imagens é um paradigma da sociedade contemporânea em que exige a postura por meio das informações fazer o uso da linguagem correta para que interpretar as imagens de forma que seja possível uma reflexão que a própria arte suscita frente a vulnerabilidade e as mazelas que a desigualdade social que temos, mas que ao mesmo tempo desafia homens e mulheres para que de maneira consciente para uma possível alfabetização no universo das Artes Visuais.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ENSINO DE ARTES E A LEITURA DE IMAGENS

É importante contextualizar a inserção da Arte por intermédio da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1995 que no seu art. 26 § 2º em que preconiza uma mudança efetiva ao conceber e ensinar as Artes na contemporaneidade em que afirma que “o ensino de arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996, p. 23).

O “Ensino de Arte” passa a ser adota-

do no lugar de "Educação Artística" na Lei de Diretrizes e Bases 5.692, de 11 de agosto de 1971 em que as mudanças vigoraram a partir da década de 1980 com o termo Arte-Educação em contraposição ao termo "Educação Artística" superado. Segundo PILLAR (2006),

a partir dos anos 80, no Brasil, o ensino de arte começa a ser repensado em novas bases conceituais e revisado quanto a sua relação com as pesquisas contemporâneas em arte. Os professores passaram a trabalhar não só a produção da criança e do adolescente, mas também a leitura da imagem e a contextualização histórica. Surgiram, também, as releituras, enquanto produções realizadas com base em obras de arte (PILLAR, 2006, p. 11).

O movimento acerca da leitura de imagens no ensino de arte pode e deve ser visto como uma atividade interdisciplinar, multidisciplinar. No ensino da Língua Portuguesa temos acesso ao estudo de textos verbais e não verbais. Os textos verbais são aqueles que possuem palavras e exigem a leitura e interpretação. O texto não verbal em que não há palavras como pinturas, esculturas, fotografias, xilogravuras, desenhos e propagandas se faz necessário ir além para interpretá-los e com isso temos as Artes Visuais.

Em nossa vida diária estamos rodeados por imagens impostas pela mídia, vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc. Como resultado de nossa incapacidade de ler essas imagens, nós aprendemos por meio delas inconscientemente. A educação deveria prestar atenção ao discurso visual. Ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar as crianças conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-las para compreender e avaliar todo o tipo de imagem, conscientizando-as de que estão aprendendo com estas imagens (BARBOSA, 1998, p. 17).

Na intepretação é possível fazer a interpretação da imagem em que é possível descobrir a classe social das pessoas, o tipo de ambiente e o contexto em que a obra foi criada. É possível perceber o tipo de ambiente em que a obra foi produzida e qual período da história foi feita a imagem, qual o estilo que a obra foi pintada e a forma se é realista, futurista, que sentimento está presente na imagem que muda conforme o espectador vai percebendo as expressões que ajuda a entender o sentido da imagem em que é possível por meio da abstração refletir sobre determinado assunto que o artista julgou pertinente para a sociedade.

É importante a discussão sobre a leitura da imagem uma vez que o espectador muda sua forma de pensar por intermédio das suas vivências que determinam o caminho da intepretação alterando a visão de um determinado sentimento, situação ou realidade é diferente de outras pessoas que altera na medida em que se faz a interpretação das imagens vistas. Não existe uma receita pronta para todas as imagens elas são alteradas na medida em que a imagem ou a obra é retratada pelo artista e que demanda interpretação de cada espectador.

Conforme Barbosa (2008):

A necessidade de alfabetização visual vem confirmando a importância do papel da Arte na Escola. A leitura do discurso visual, que não se resume apenas à análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que esses atributos, em diferentes contextos, conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade. Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam. Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em sua obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores (BARBOSA, 2008, pp. 18-19).

É necessário ter autonomia para fazer a leitura da imagem independentemente do local que a obra esteja sendo exposta, a intepretação está para além do ambiente da imagem. As imagens perpassam a existência humana, ou seja, somos bombardeados por imagens a todo instante, o tempo todo, no entanto, não há uma educação para que seja possível fazer a leitura dessas imagens que chegam até nós.

Rubem Alves em sua crônica "A Complicada Arte de Ver" traz uma conversa de um Psicanalista, um Psicólogo que recebe no divã uma mulher que relata em sua fala que gosta muito de cozinhar e o ato de cortar cebola, pimentão, pimentão e que ao cortar cebola retrata ver os vitrais de uma catedral e percebe que está ficando louca, essa queixa é apresentada na sessão para o psicanalista que escuta atentamente a fala trazida pela paciente. Rubem Alves vai até a prateleira e retira um livro de Pablo Neruda e lê um trecho para sua paciente do poema "Ode da Cebola" que diz o seguinte:

Cebola, luminosa redoma, pétala a pétala cresceu a tua formosura, escamas de cristal te acrescentaram e no segredo da terra sombria arrendou-se o teu ventre de orvalho. Sob a terra deu-se o milagre e quando apareceu o teu rude caule verde, e nasceram as tuas folhas como espadas no horto a terra acumulou seu poderio mostrando a tua nua transparência, e como em Afrodite o mar distante duplicou a magnólia levantando-lhe os seus seios, a terra fez-te assim, cebola, clara como um planeta, e destinada a reluzir, constelação constante, redonda rosa de água, sobre a mesa dos pobres. Generosa desfazes teu globo de frescura na consuma-

ção fervente do cozido, e o girão de cristal ao calor inflamado do azeite transforma-se em ondulada pluma de ouro. Recordarei como a tua influência fecunda o amor da salada e parece que contribui o céu dando-te a fina forma de granizo a celebrar a luz picada sobre os hemisférios de um tomate. Mas ao alcance das mãos do povo, regada com azeite, polvilhada com um pouco de sal, matas a forme do jornaleiro no duro caminho. Estrela dos pobres, fada madrinha envolta em delicado papel, tu sais do solo, eterna, intacta, pura como semente de astros, e ao cortar-te a faca de cozinha sobe a única lágrima sem mágoa. Fizeste-nos chorar, mas sem sofrer. Tudo o que existe celebrei, cebola, mas para mim és mais formosa que um pássaro de plumas ofuscantes, és para os meus olhos globo celeste, taça de platina, baile imóvel de anémona nevada e a fragrância da terra inteira vive na tua natureza cristalina (NERUDA, 1973).

Rubem Alves comenta com sua paciente que não está louca e que está vendo as imagens, está vendo os objetos por intermédio de um poeta em que é possível ampliar a visão de mundo, de ler as imagens por meio da capacidade que os poetas tem de ler o mundo. Carlos Drumond de Andrade não viu apenas a pedra, mas a possibilidade de fazer um poema sobre a pedra. Vinícius de Moraes na poesia da Construção o operário toma o sentido para si de que tudo o que estava posto na mesa era sua produção.

Rubem Alves conclui a crônica afirmando que a primeira função da educação deveria ser ensinar a ver, os olhos que o ser humano possui pode ver, mas não enxergar e fica impossibilitado de ter percepções do mundo de uma forma poética, o ideal seria olhar o mundo como se olhos fossem parte de um brinquedo que é como as crianças olham o mundo.

Freire (2005) ao pensar na alfabetização de adultos afirma que "[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura dessa implica a continuidade da leitura daquele" (FREIRE, 2005, p. 20). O autor coloca que antes da criança começar a ler, antes de ser ensinado a ler as palavras, antes do contado com a alfabetização, a criança aprende a ler o mundo, observa, cria sentido, se relaciona com os objetos, com as pessoas e o educador, o professor, o alfabetizador não pode ignorar isso, mas agregar aquele conhecimento de vida na criança e/ou adulto já tem no processo de alfabetização.

Parafraseando Paulo Freire, é possível dizer que a leitura da imagem precede a leitura da palavra uma vez que o educando quer seja criança, adolescente, jovem ou adulto é um ser capaz de olhar o mundo ele está mergulhado em um mar de imagens, daí a importância de saber fazer a leitura de imagens que por meio delas é possível compreender as construções de discurso tendo as imagens como fonte, na circulação e apropriação dessas imagens como uma fonte visual que se torna um vetor para entender a sociedade e as transformações que a sociedade passa.

Portanto, as imagens tem um potencial enorme para ensinar, a leitura de imagens se constitui a consolidação de um imaginário coletivo, por exemplo, se fecharmos os olhos e imaginarmos o descobrimento do Brasil termos em nossa mente Cabral, uma praia, uma nau, os indígenas, na vestimenta de Cabral essa imagem é consolidada do descobrimento do Brasil, esse fato histórico foi registrado por pintores, no caso do descobrimento do Brasil é de um artista do século XIX, Oscar Pereira da Silva que pintou a tela do "Descobrimento do Brasil" e essa tela foi difundida de forma que essa imagem ficou registrada na mente dos brasileiros quando se fala em descobrimento do Brasil.

Poderíamos pensar o evento da Proclamação da Independência do Brasil em que Dom Pedro estava no seu cavalo, impostado com sua Espada e proclama 'independência ou morte' em que a construção mental, ou seja, isso perpassa o imaginário coletivo porque o Pedro Américo criou a tela da "Independência ou Morte", no século XIX por meio de mobilização ou outros recursos visuais, em modelos visuais vigentes na época em que pintou a obra que continua sendo difundido com diversas releituras da Independência do Brasil por meio dessa imagem em que se continua mobilizando recursos visuais até hoje, no século XXI.

Esses dois exemplos de fatos e acontecimentos que marcaram a história de nosso país continuam a ser objetos de leitura das imagens não só para aquisição de conhecimento, mas da perspectiva da arte analisar propaganda, fazer a leitura de um outdoor, uma imagem publicitária que é veiculada é produto do marketing, mas de muito estudo para propaganda, divulgação de produto desde o posicionamento, a cor para que seja possível fazer uma leitura de determinada imagem porque não existia a preocupação do ensino da arte ser pautado pela leitura de imagens.

A mudança de paradigma no campo da arte se dá no momento em que se percebe que é possível ensinar por meio da leitura de imagens. Barbosa (2005) é referência no ensino da arte-educação ao criar a Proposta Triangular que seria o ensino de arte nos três vieses do triângulo que seria ensinar a história da arte, ensinar a leitura da obra de arte e ensinar o fazer artístico. Essa metodologia foi chamada pela autora de Proposta Triangular.

Buoro, no livro Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte (2002), ressalta a importância do conhecimento so-

bre a história da arte e o exercício constante da leitura da imagem para quem trabalha com o ensino da arte. Para a autora é de fundamental importância apresentar a obra para que os alunos façam uma primeira leitura para visualizar a obra e extrair algumas informações para uma construção empática com a obra de arte.

Para Buoro (2002):

O que a teoria greimasiana propõe ao educador é um modelo teórico para a construção de uma competência – um entre outros –, que o auxilie a interagir com a obra de arte como texto visual produzido por uma linguagem, a qual deve ser aprendida para ser por ele apreendida (BUORO, 2002, p. 237).

Buoro (2002) apresenta a leitura da imagem de cinco obras de arte, de um período da arte moderna produzidas no início do século XX, entre 1910-1914, pelos seguintes artistas: Kandinsky, Malevich, Picasso, Duchamp e Matisse. As obras apresentam como característica comum serem bidimensionais e serem pinturas, com exceção da obra de Picasso que é mista, devido ao uso do recurso de pintura, colagem e desenho sobre uma superfície plana.

Oliveira (1998) afirma que ao não ser possível aos alunos frequentarem museus, centros culturais e que não possuam contato direto com a obra de arte, mas existem algumas obras de arte que são clássicas, um exemplo disso é a imagem da Monalisa que é praticamente impossível levarem os alunos no Louvre para analisarem e usufruírem e fruírem da visão da Monalisa de forma presencial. A autora oferece ao professor trabalhar coma leitura de imagens das embalagens de alimentos, de produtos de limpeza que pode servir de objeto de leitura para os alunos deste tipo de instrumento.

A leitura de imagem não se dá somente perante uma obra de arte. Portanto, a autora amplia o horizonte do professor em sua prática de arte com os alunos. Outra possibilidade é fazer análise de Campanhas Publicitárias em que é possível por meio de imagens de Revistas fazer com que os alunos tenham acesso a imagens impressas em que possível fazer a análise visual do que está sendo referendado da propaganda.

Quanto ao leitor da imagem, seja ele professor, aluno, ou cidadão comum, é fundamental ter sempre em mente seu papel de enunciatário. Este conceito semiótico resgata o apreciador do texto estético da condição de mero espectador ou fruidor passivo, atribuindo-lhe importância idêntica à que é dada ao enunciador, quer dizer, ao produtor do texto imagético, seja ele publicitário, desenhista industrial, diretor de teatro, dramaturgo ou pintor. Na condição de enunciatário, alunos e professores passarão a ser leitores criativos, pois serão, do mesmo modo que o criador da imagem, produtores de discurso, seja traduzindo o enunciado para o verbal ou mesmo recriando-o em outro [...] [sistema] – visual, musical, audiovisual. Afinal, para a semiótica, a leitura é um ato de linguagem, um ato de produzir significados, do mesmo modo que a produção do texto o é. (OLIVEIRA, 1998, p.218-9).

Partindo da premissa de que toda imagem é um “texto”, portanto “passível de leitura”, a proposta de Sandra Ramalho para leitura de imagem consiste em realizar “esquemas visuais”, manual ou mentalmente, com o objetivo de destacar as linhas, as formas que constituem a imagem. Em seguida, identificar os “elementos constitutivos”, os “procedimentos relacionais” presentes no “plano de expressão” e realizar a articulação entre eles a fim de explorar o “plano do conteúdo” – esse que gera os “efeitos de sentido” que uma imagem produz –, e que, por sua vez, determina a sua significação. Assim, o trânsito entre os respectivos planos deve ser num fluxo contínuo, de forma que o leitor traga à tona suas percepções e conhecimentos de mundo a fim de atribuir uma significação à imagem.

Essa possibilidade de análise para além das obras de arte conduz o aluno a alcançar um embasamento analítico que por meio de embalagens, revistas tem os mesmos elementos constitutivos da obra de arte para perceber as cores, as linhas, sombra, luz com isso é possível instigar o olhar do aluno para essa referência em que é possível a construção de repertórios para aguçar a sensibilidade frente a uma obra de arte.

Para Ramalho e Oliveira (2006):

I – Escaneamento visual, buscando a estrutura básica da composição;

II – Desconstrução com destaque às linhas, elaborando esquemas visuais (grifo da autora);

III – Redefinição dos elementos básicos constitutivos;

IV – Busca dos procedimentos relacionais entre os elementos;

V – Re-construção dos efeitos de sentido, com base nos procedimentos;

VI – Trânsito incansável entre elementos, procedimentos, bloco de elementos, todo e partes, esquema visual e imagem;

VII – Dados de identificação da imagem (autor, contexto histórico e social, estilo e outros). (RAMALHO E OLIVEIRA, 2006, pp. 217-18).

Franz (2003) defende que se a leitura é um ato de linguagem é um ato este que pro-

duz significado, ou seja, quando se lê uma imagem, assim como quando se lê um texto escrito se produz significados novos em que o autor, o pintor, o escultor da obra de arte cria sua linguagem, no entanto, o espectador lê com seu ponto de vista, com sua história, seus ensinamentos é possível a criação de um outro discurso em que é possível a leitura da imagem ou quando se olha uma obra de arte que é possível a criação de uma outra narrativa, de um outro discurso e isso torna uma riqueza imprescindível porque se tira o espectador, o observador da cena e o eleva a agente ativo nesse processo em que é possível construir um discurso por meio do seu repertório.

Para Ramalho e Oliveira (2006):

Igualmente poderão ser relacionados na análise, quando da re-construção dos efeitos de sentido ou do plano de conteúdo, os conhecimentos que o enunciatário será instado a buscar, nos estudos culturais, na psicologia, na hermenêutica, na história da arte, na antropologia, depois de provocado pelo texto estético, em si, situado diante dele (RAMALHO E OLIVEIRA, 2006, p. 218).

Ao se analisar sob o ponto de vista de que a leitura do mundo e a da imagem antecedem a da palavra, pode-se afirmar por meio premissa de que o leitor esteja no "estágio descritivo/narrativo" (ROSSI, 1999, p. 25) é caracterizado por leitores que têm pouco contato com a arte, mas que fazem a leitura da obra "[...] a partir de um ponto de vista egocêntrico e ingênuo que leva em conta apenas o conhecimento pessoal

[...]" (ROSSI, 1999, p. 34), sendo este o "primeiro estágio", dos cinco estágios que caracterizam os "cinco tipos de leitores" identificados por Abigail Housen.

Housen (1983) em sua tese de doutorado desenvolve os níveis dos estágios do desenvolvimento estético em que divide com se fosse em uma ordem sequencial o nível que a pessoa está na leitura da imagem que são:

Descritivo ou Narrativo – Quando a pessoa olha para a imagem e realiza uma descrição sumária da imagem em percebe as cores, os elementos visuais, se é ou não personagem, se tem ou não natureza, ou seja, o que tem naquela imagem que é possível fazer uma apreensão visual. As crianças se encontram nessa fase do desenvolvimento estético só que ainda não possui um repertório muito amplo essa análise é feita relacionando a sua vida

Construtivismo – Estágio que se constitui pela presença dos adolescentes que já possuem um conhecimento de arte por terem participado de exposições, amostras, livros didáticos que pressupõe uma certa familiaridade com

as obras de arte em que ao fazer a leitura é perceptível que há uma hierarquia entre esses elementos que estão presentes no quadro, na pintura, na imagem, na escultura possibilitando uma relação com o autor que pode ser um pintor, um escultor no sentido de descobrir como foi possível deslocar o seu lugar e ir para o mundo outro, no sentido de perceber o movimento que fez com que o pintor, o escultor finalizasse sua técnica em sua obra de arte. Existem crianças e adolescentes que podem estar nestes dois níveis dependendo do status social e do referencial percorrido e do capital simbólico que esses espectadores apresentam gente a obra de arte.

Classificativo – Estágio em que se tem mais informações em que é possível um olhar direcionado para o obra de arte o que pressupõe um certo conhecimento sobre a história de arte possibilitando a relação com outras obras de arte que poderá ser do mesmo pintor, do mesmo escultor, por exemplo, ela poderá olhar para o Davi e identificar que o Davi é do Michelângelo e que está localizado no contexto renascentista e que se encontra na Galeria da Academia de Florença, essa articulação é possível neste nível do desenvolvimento estético, portanto a leitura de imagem da criança e do adolescente está para além da imagem por conta de estar em posse desse repertório que vai enriquecer a leitura da imagem, da obra de arte.

Interpretativo – Esse estágio possibilita um aprofundamento acerca das obras de arte em que é possível quando a pessoa atinge os 21 anos de idade em que é possível olhar para obra de arte e fazer a leitura de imagem fazendo associações para além da história de arte, mas que se tem além do repertório linguístico o conhecimento de figuras de linguagem em que é possível fazer uma leitura da imagem da obra de arte por meio das figuras de linguagem em é possível fazer paradoxo, metáforas no momento da leitura.

Recreativo – Esse é o último estágio possível de se chegar, mas isso não quer dizer que todas as pessoas vão atingir ou chegar a este estágio que varia de acordo com a história de vida da pessoa, de acordo com os acessos que teve ou não em que está em jogo as possibilidades que a pessoa tem na vida para ampliar seu repertório visual. As pessoas que chegam neste estágio conseguem fazer uma leitura de imagem em diversos níveis além

de propiciar comparações, assim como fazer articulações de várias leituras dentro de uma mesma obra, ou seja, ao olhar a obra é possível criar várias intepretações por intermédio de uma única imagem por conta do amplo referencial visual e um amplo referencial teórico em que estão presentes neste nível os curadores de arte, pesquisadores de museus, professores univer-

sitários, galeristas de galeria de arte em que é possível realizar essa leitura de imagem uma vez que isso é o seu cotidiano em que se estuda muito sobre os historiados da arte, teóricos, críticos de arte e que possuem um referencial amplo em relação à visualidade das imagens e leituras de obras, portanto, não são todas as pessoas que conseguem atingir o último estádio do desenvolvimento estético.

A mobilização de todo esse aparato é de extrema importância para se ter noção enquanto educador, enquanto arte-educador para conhecer esses cinco estágios ou níveis que é o Descritivo, o Construtivo, o Classificativo, o Interpretativo e o Recreativo para compreender como se processa a leitura de imagens (HOUSEN, 1983).

Para Barbosa (1998) é de extrema importância a apreciação da arte para que a criatividade e a leitura sejam possíveis por meio do diálogo com a obra do artista que produzem arte e possibilitam a ampliação das percepções dos espectadores por intermédio da leitura e análise de imagens que podem ser pinturas, ilustrações, embalagens, telas, escultura que permeiam o existir aguçando à criatividade humana.

Pra Barbosa (1998), cabe ao espectador:

Apreciar, educar os sentidos e avaliar a qualidade das imagens produzidas pelos artistas é uma ampliação necessária à livre-expressão, de maneira a possibilitar o desenvolvimento contínuo daqueles que, depois de deixar a escola, não se tornarão produtores de arte. Através da apreciação e da decodificação de trabalhos artísticos, desenvolvemos fluência, flexibilidade, elaboração e originalidade – os processos básicos da criatividade. Além disso, a educação da apreciação é fundamental para o desenvolvimento cultural de um país. Este desenvolvimento só acontece quando uma produção artística de alta qualidade é associada a um alto grau de entendimento desta produção pelo público (BARBOSA, 1998, p. 18).

Ver, ler, analisar, interpretar uma imagem está relacionado ao grau de compreensão do observador, do espectador, logo, o processo de leitura pressupõe conhecimento acerca do processo de leitura da imagem, que não pretende apresentar ou definir um método de leitura a ser seguido, mas, propõe um entendimento de como o ser humano constrói conhecimentos e aprendizagens por meio da leitura de imagens nas Artes Visuais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alfabetizar em sentido amplo é ensinar a ler. Ler, no entanto, é compreender e entender o mundo que nos cerca e as relações que com ele estabelecemos. Ler um texto, uma imagem, uma pintura, uma escultura, uma música, uma representação teatral, corporal, também é alfabetizar. O ensino da Arte propicia a fruição dessas linguagens e integra ao nosso contexto em que as relações se estabelecem e passam a fazer parte da nossa cultura.

Atualmente, a imagem é um símbolo da sociedade moderna que precisa ser decifrada, compreendida, entendida, ao mesmo tempo em que se torna paradigma de entendimento uma vez que está em toda parte e por isso é necessário exercitar o olhar, para que sejamos capazes de entender as diversas formas de representação artísticas que fazem uso das Artes Visuais para comunicar por diversos instrumentos, recursos em que está a imagem da televisão, do cinema, internet, fotografia, pinturas, desenhos, gravuras, dentre tantas outras formas de expressão da arte. Entretanto, a educação do olhar é imprescindível para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo em que não basta olhar, é preciso enxergar para além do representado.

Esse movimento acerca da leitura de imagens é consequência de uma trajetória de carreira e, consequentemente de uma trajetória de vida em que é extremamente importante que os educadores tenham em mente esses conceitos do estágio do desenvolvimento estético, sobretudo, os arte-educadores que estão em museus que recebem públicos de diferentes extratos sociais, de diferentes faixas etárias ao fazer uma leitura de uma obra de arte em que é possível construir um arcabouço teórico. Para além da sala de aula e para além dos museus há que se ter o cuidado em conduzir e mediar essas interpretações de forma adequada para o público alvo que está sendo atendido para obtenção de uma leitura de imagem de forma efetiva e transformadora em que é possível se deixar afetar na medida em que a obra de arte afeta e aguça o olhar do espectador que a decifra, devora e lê.

A primeira função da educação, segundo Rubem Alves é ensinar o ser humano a ver o mundo, não só no sentido de ver, mas de enxergar as coisas, criar um novo sentido para aguçar a sensibilidade poética em que é possível fazer uma leitura das imagens que permeiam nossa vida e nossas relações em que os registros são realizados por meio de escolhas que são feitas e determinam nossa forma de ser e estar no mundo em que possibilitará a pessoa um cabedal em que será possível fazer uma leitura de imagens das obras de arte.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte: Anos Oitenta e Novos Tempos. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte. 4. Ed.

São Paulo: Editora Cortez, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. A Imagem no Ensino da Arte. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1° e 2º Graus, e dá Outras Providências. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm Acesso em 17 abr. 2024.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm Acesso em 17 abr. 2024.

BUORO, Anamelia Bueno. Olhos que Pintam: A Leitura de Imagem e o Ensino da Arte. São Paulo: Educ, FAPESP, Cortez, 2002.

FRANZ, Teresinha Sueli. Educação para uma Compreensão Crítica da Arte. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: Em Três Artigos que se Completam. 46. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HOUSEN, Abigail. The Eye of The Beholder: Measuring Aesthetic Eevelopment.

Harvard University, 1983. (Tese de Doutorado).

NERUDA, Pablo. Antologia de Pablo Neruda. Tradução de José Bento. Porto: Editorial Inova, 1973.

PILLAR, Analice Dutra (Org.). A Educação do Olhar no Ensino das Artes. 4. Ed.

Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina. Leitura de Imagens para a Educação. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 1998.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina. Imagem também se Lê. São Paulo: Rosari, 2005.

ROSSI, Maria Helena Wagner. A Compreensão do Desenvolvimento Estético. In: PILLAR, Analice Dutra. A Educação do Olhar do Ensino das Artes. Porto Alegre:

Mediação, 1999.